

DISSIDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS À BRASILEIRA: UMA CARTOGRAFIA DAS TEORIZAÇÕES *QUEER* NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

DILTON RIBEIRO COUTO JUNIOR

FERNANDO ALTAIR POCAHY

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: A proposta deste trabalho é mapear os usos e impactos dos efeitos epistemológicos das contribuições *queer* na produção de conhecimento em educação no Brasil. Para isso, buscamos traçar um plano (provisório) que possa indicar algo da complexa trama por onde essas experimentações epistemológicas enredam-se no contexto da produção acadêmica, do campo de estudos de gênero e sexualidade, autoproclamada e/ou interpelada dissidente. Com isso, interessa-nos aqui promover interlocuções cartográficas a partir de nossas vivências enquanto sujeitos latino-americanos – vivências marcadas pelo entrecruzamento de diversos marcadores sociais de identidade e diferença que nos constituem e nos impulsionam a (re)pensar nossas experiências cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Epistemologias *queer*. Educação.

1 TRÂNSITOS DE UMA TEORIA: INICIANDO UMA CONVERSA

Encontrei [na “teorização”] um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência “vívida” de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu

trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente, essa experiência me ensinou que a teoria pode ser um lugar de cura¹.

bell hooks

A feminista negra estadunidense bell hooks, ao comentar sobre as mágoas de sua infância, denunciando a norma patriarcal vivenciada no âmbito familiar, ressalta a importância das teorizações para se (re)pensar um futuro outro, para se (re)pensar a própria experiência social cotidiana. A teoria em si não é intrinsecamente libertadora e/ou restaurativa, mas adquire essa dimensão na medida em que passa a ser direcionada para esse objetivo (hooks, 2013). As teorizações nos convidam a analisar as relações sociais através de diferentes pontos de vista, desafiando-nos a questionar convenções e práticas naturalizadas. Com isso, buscamos na teoria formas outras de se (re) pensar corpos, gêneros e sexualidades em suas posições dissidentes, uma vez que esses sujeitos encontram-se na mira dos olhares marcados por normas e ideais regulatórios – não somente nos seus efeitos de dor, mas também em suas condições de possibilidade de reinvenção de si, como exterioridade constitutiva por onde temos a chance de nos transformarmos em outra coisa que não aquilo tudo o que paralisa e produz morte social.

Com Butler (2017, p 44) aprendemos que “se uma vida não é tratada como se sua perda fosse terrível, então sua perda já está incorporada na noção de vida. É por isso que uma vida tem de ser considerada primeiramente como digna de luto para ser tratada plenamente como vida”. Dito isso, partimos do pressuposto de que todas as vidas merecem ser vividas, embora muitas ainda estejam constantemente na mira dos ataques sociais, impulsionados e alimentados por discursos fundamentalistas que buscam eliminar qualquer tentativa de que corpos, gêneros e sexualidades possam ser experimentados-fabricados para além dos já conhecidos e restritos modelos binários. Se por um lado as normas regulatórias se manifestavam através das diversas práticas de vigilância (POCAHY, 2007), por outro lado é também na fronteira das zonas de abjeção que movimentos e estratégias de resistência se estabelecem. Onde há poder, lá está a resistência, proclama Foucault (2014).

Com este texto buscamos acompanhar movimentos/experimentações teórico-metodológicos/as que permitem cruzar as fronteiras epistemológicas², enfrentando o regime hetero[CIS]centrado³ (PRECIADO, 2014) a partir de teorizações que vêm/vieram sendo informadas e/ou impactadas pelas perspectivas *queer* (no sentido em que elas informam ou potencializam práticas de insubordinação diante dos cânones teóricos e(m) seus regimes de verdade). As insurgências teórico-metodológicas que se emparelham

às chamadas políticas *queer* buscam formular estratégias de resistência, desconfiam dos estabelecidos e movimentam-se por “brechas e formas de transgredir as práticas e discursos sociais já instaurados e naturalizados e que mantém intacta uma concepção de mundo sintonizada com a ótica heteronormativa” (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2016, p. 124).

A expressão “teoria *queer*” foi mencionada pela primeira vez em 1990, nos EUA, durante uma conferência proferida pela pesquisadora feminista italiana Teresa De Lauretis. Durante sua fala, De Lauretis buscava fomentar uma crítica aos estudos gays e lésbicos da época, denunciando o essencialismo identitário e colocando em xeque a compreensão das identidades sexuais e de gênero sob a perspectiva de uma matriz binária (MISKOLCI, 2009; LUGARINHO, 2010). Dessa forma, a teoria *queer* possibilitou a construção de uma proposta de política pós-identitária cujo alvo não seria “propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos” (LOURO, 2001, p. 549). O que está em jogo nas apostas movimentadas nas políticas *queer* é a exposição das contingências e dos limites da heteronormatividade, a partir do argumento central de que corpos, gêneros e sexualidades são construções históricas, sociais e culturais (COUTO JUNIOR, 2016).

Queer é interpeleção pejorativa utilizada em países de língua inglesa, demarcando diferença, assinalando os desviantes da norma heterossexual. Traduzido para o português, *queer* significa “bizarro”, “estranho”, “veado”, “bicha”, “sapatão”, dentre outros. O termo, “com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais [nos EUA] precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação” (LOURO, 2001, p. 546) às heteronormas. O sentido injurioso do *queer* foi estrategicamente adotado para denunciar as experiências da abjeção sofridas pelos grupos que integravam as chamadas minorias sexuais. Esses grupos passaram a ressignificar o termo pejorativo, transformando-o “numa forma orgulhosa de manifestar a *diferença*” (PEREIRA, 2006, p. 469, grifo dx autorx).

Desde sua emergência político-epistemológica na década de 1990, a teoria *queer* vem sendo enunciada de diversas formas. Reapropriações da expressão “teoria *queer*” revelam sua plasticidade na produção acadêmica voltada, mas não restrita, ao campo de estudos de gênero e sexualidade. “Estudos *queer*”, “políticas *queer*”, “teorias *queer*” (no plural) (CAMARGO, 2008), “abordagens *queer*” (COELHO, 2009) e “epistemologias *queer*” (POCAHY,

2016; COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2017) são algumas possibilidades enunciativas dadas a essa irreverente teoria. Tais expressões nem sempre são utilizadas meramente como formas sinônimas à expressão “teoria *queer*”, mas surgem pela necessidade de se ampliar o entendimento sobre o quanto o *queer* não caberia apenas na condição de teoria, mas estaria articulado a outras formas de compreender o mundo para além do contexto acadêmico-universitário-científico.

Somando-se a isso, o termo *queer* também é empregado como verbo por diversxs pesquisadorxs⁴ de países que se comunicam através do idioma inglês, português e espanhol. O uso do “*queerizar*” (cuja grafia em português é a mesma adotada pelxs estudiosxs que escrevem em espanhol) é feito, ainda que timidamente, por pesquisadorxs como Trujillo (2015), Couto Junior e Oswald (2016), Borba (2015) e Peres et al. (2014), sendo que o uso do “*queering*” (inglês) pode ser evidenciado nos trabalhos de Butler (1993), Seidman (1994) e Bryson e Castell (1993), para citar alguns exemplos. Lewis et al. (2017) propõem ainda o termo “*cu-irizar*” como substituição às expressões “*queerizar*”, “*estranhar*” etc., buscando “sublinhar a originalidade e o valor das nossas produções e epistemologias locais, e seu potencial de des-norte-ar os estudos *queer*, sem esquecer o contexto pós-colonial de desigualdade geopolítica no qual nós [latinos], e nossas teorias, nos encontramos” (2017, p. 6, grifo dxs autorxs). Dessa forma, os (des)arranjos teórico-metodológicos engendrados pelos estudos *queer* demonstram o quanto suas reflexões originárias no Norte global, ao “respingarem” de diferentes formas nas Ciências Humanas e Sociais, vêm produzindo profundas disputas políticas no campo de estudos de gênero e sexualidade latino-americano.

O que conhecemos hoje no Brasil por teoria *queer* emergiu há algumas décadas como resposta dos movimentos norte-americanos de gays, trans e lésbicas aos impactos da aids⁵ no país (PELÚCIO, 2014a). Inicialmente concebida como o “câncer gay”, a aids trouxe como consequência a renovação do discurso de ódio promovido pelos ideais homofóbicos, reforçando a onda conversadora já observada em diversos setores sociais (LOURO, 2001). Ainda que o vírus hiv ou a doença da aids estivessem sob os olhos atentos da sociedade, eram as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo as compreendidas como forte ameaça à perpetuação da cultura e espécie humana (MISKOLCI, 2014). Naquele contexto, o mandato presidencial de Ronald Reagan (1981-1989) coincidiu com o alastramento da epidemia da aids nos EUA, com Reagan recusando-se a fornecer apoio e auxílio às vítimas da doença (MISKOLCI, 2011). Em contrapartida ao pânico sexual e social criado em torno da epidemia da aids, foi desencadeado o aumento da participação

política de diversos pesquisadores, que passaram a contribuir com reflexões teóricas responsáveis pela consolidação do que compreendemos atualmente como teoria *queer* (MISKOLCI, 2014).

Articulada inicialmente no Norte global, a teoria *queer* vem se constituindo como uma resposta irreverente das minorias sociais às normas regulatórias de gênero. A abordagem teórica do pensamento *queer* é ancorada nos Estudos Culturais norte-americanos e na corrente pós-estruturalista da filosofia, com muitas contribuições advindas das obras *História da sexualidade I: a vontade de saber*, de Michel Foucault, e *Gramatologia*, de Jacques Derrida (MISKOLCI, 2009). Entretanto, diferentemente dos EUA, cuja demanda social e cujos debates no âmbito dos diferentes movimentos propiciaram o fortalecimento de argumentos que tornaram possível a idealização de uma teoria *queer*, a chegada dessa teoria ao Brasil ocorreu por meio do âmbito universitário (PELÚCIO, 2014a).

Reiteramos o quanto é, de certa forma, contraditório traçar uma cronologia da emergência das teorias *queer*, uma vez que a constituição dessas apostas teórico-militantes envolveu uma gama de origens e influências diversas, bebendo principalmente das reflexões tecidas no âmbito das pesquisas acadêmicas e dos ativismos políticos (LEWIS et al., 2017). Dito isso, cabe investigar quais vêm sendo os percursos traçados pelas epistemologias *queer*, que encontraram um espaço potente nas pesquisas acadêmicas através do “agenciamento de novos planos de experimentação ético-estético-políticos na produção do conhecimento” (POCAHY, 2016, p. 12).

Sobre a emergência e os desdobramentos da teoria *queer* na América Latina, Miskolci (2014) argumenta que tem sido notório o movimento unidirecional desta teoria: inventada no Norte, suas reflexões são, geralmente, meramente incorporadas à produção acadêmica latino-americana. O fluxo de produção de conhecimento segue, portanto, a lógica do movimento norte-sul, com os países do Sul colocados na posição de meros interlocutores silenciosos e invisíveis do “monólogo teórico euro-americano” (MISKOLCI, 2014, p. 58). O movimento unidirecional norte-sul percorrido por essa teoria evidencia claramente o Norte global como autor/produtor de teorias, com os países do Sul se constituindo geralmente como meros “receptores” e “importadores” de teorias que acabam muitas vezes desconsiderando suas marcas e riquezas locais (LEWIS et al., 2017).

Em encontro a essa direção, Pereira (2015) mostra que a teoria *queer* formulada no Norte global “viaja ao Sul, com os desafios, os perigos e as potencialidades que as viagens ensejam. Por isso, pode haver a tentação de simplesmente aplicá-la, como se aquele termo (*queer*) e a subversão que

provoca [...] não atuassem também em deslocamentos” (2015, p. 413-414, grifo dx autorx). Neste sentido, já não caberia o uso estratégico do termo *queer* no Brasil, uma vez que essa expressão sequer está “na boca do povo” brasileiro. Caminhamos amparados pela ideia de que a tradução imediata da teoria *queer* para a língua portuguesa não é possível, restando-nos então reinterpretar e reelaborar essa expressão considerando as inúmeras marcas culturais presentes no contexto brasileiro (LUGARINHO, 2010).

Desde a popularização da teoria *queer*, em 2001, no Brasil com o texto de Guacira Lopes Louro (2001), diversxs pesquisadorxs brasileiros vêm expondo os limites de uma teoria formulada no Norte global e, ao mesmo tempo, encontrando alternativas que possibilitem (re)pensar o termo *queer* ao Sul da linha do Equador. (Re)pensar o *queer* no contexto brasileiro significa (re)criar epistemologias atentas aos contextos e marcas culturais locais através da formulação de abordagens interseccionais que abarquem os diferentes marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça, classe e localização geográfica. Dessa forma, uma investigação afetada pelo *queer* “permite-nos pensar nos termos de insurgências linguísticas, outras semióticas do desejo e do prazer, outros modos de pensar” (POCAHY, 2016, p. 16) e de pesquisar.

A proposta deste trabalho, fruto de pesquisa de pós-doutorado em andamento⁶, é cartografar os usos e impactos dos efeitos epistemológicos das contribuições *queer* para o campo dos estudos de gênero e sexualidade em educação no Brasil. Para isso, flertamos com epistemologias teóricas que visam deslocar o olhar para o Sul da linha do Equador, buscando questionar os ideais de “uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada” (PELÚCIO, 2014a, p. 28). Não há que se negligenciar que o movimento unidirecional norte-sul percorrido pela teoria *queer* nos auxiliou na formulação da crítica sobre quais são os países reconhecidos e legitimados a produzir teorizações, e quais aqueles que permanecem na condição de “meros receptores” de teorias que, comumente, desconsideram marcas e tradições locais.

Nesse sentido, cabe a máxima foucaultiana de que o poder é produtivo. Argumentamos a favor dessa crítica e questionamos ainda o quanto se faz necessário que as teorizações produzidas ao Sul da linha do Equador possam caminhar “com as próprias pernas” a partir da tessitura de reflexões que abarquem os diferentes marcadores sociais de identidade e diferença. Conseqüentemente, já não estaríamos mais discutindo somente a partir de uma teoria *queer* do Norte, mas amparados também com epistemologias produzidas no Sul, potentes na investigação das experiências e dissidências de gênero e sexualidade latino-americanas.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS

O(s) (des)caminhos metodológicos engendrados na realização do panorama dos trabalhos que dialogam com a teoria *queer* propiciaram que encontrássemos na cartografia um princípio ético-estético-político que nos aproximou das produções teórico-metodológicas realizadas por pesquisadorxs brasileiroxs. Essas produções, cujas reflexões encontram-se situadas em diferentes espaços-tempos, vêm nos auxiliando na investigação dos efeitos das teorizações *queer* no campo de pesquisa educacional. Através da prática cartográfica, nossa aposta de investigar as tensões ético-estético-políticas disparadas pelos desdobramentos do *queer* na pesquisa em educação emerge da necessidade de acompanhar o entrecruzamento dos múltiplos fluxos do saber, produzidos por pontos de vista fundamentados em suas próprias epistemologias.

Ao assumirmos uma intencionalidade cartográfica para investigar os efeitos das teorizações *queer*, buscamos uma “estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47). Esse modo nos convida a problematizar as próprias enunciações e jogos de saber-poder produzidos no âmbito científico, principalmente no que se refere à forma como vimos reconhecendo e legitimando determinados conhecimentos acadêmicos, não raramente relegados ao campo do “inquestionável”.

A cartografia emerge da crítica aos modos tradicionais de produzir conhecimento, ou seja, do questionamento às pesquisas cujos métodos encontram-se ancorados no paradigma moderno (razão, objetividade, neutralidade) (ZAMBENEDETTI; SILVA, R., 2011). Dessa forma, o percurso a ser tra(n)çado pelxs pesquisadorxs no ofício de cartografar seu campo revela a especificidade de um princípio metodológico que não prima por uma objetividade única, mas pela singularidade com que o objeto de estudo é abordado/analísado (PRADO FILHO; TETI, 2013). Corroborando essa perspectiva, Zambenedetti e R. Silva (2011) argumentam que a prática cartográfica constitui um conjunto de ferramentas de análise criadas “sem a intenção de erigi-las em modelos baseados em regras e procedimentos pré-definidos, capazes de serem aplicados, replicados e generalizados” (p. 454).

Segundo Suely Rolnik (1987), as teorias são como cartografias. A aposta dx autorx nos permite experimentações: tomamos aqui as cartografias como planografias de acontecimentos, mapas que se desenham em movimento, composições de fluxos de conhecimento e redes de afecção, traçados de redes complexas de saber-poder, mapeamentos de processos

de subjetivação ou daquilo que interpela alguém a uma determinada forma de agir-pensar o/no mundo. Com isso, reconhecemos que os cotidianos são “formados por relações, carregados de qualidades heterogêneas, que se comunicam e se ligam entre si. Espaço em rede, constituído por linhas e pontos, atravessado por relações e carregado de qualidades e intensidades” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 54).

A problematização cartográfica apresenta como um de seus focos centrais a investigação dos “jogos de verdade e de enunciação, jogos de objetivação e subjetivação, modos de sujeição e assujeitamento, produção de corpos morais, sexuais, produtivos, estetizações e produções de si mesmo, formas de resistência, práticas de liberdade” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 56). Dessa forma, agir cartograficamente significa abrir mão de métodos cristalizados, da previsibilidade e do controle e, conseqüentemente, permanecer aberto à proposição de novos caminhos metodológicos na produção de conhecimentos (ZAMBENEDETTI; SILVA, R., 2011).

Artigos publicados em periódicos científicos (indexados pela CAPES⁷), livros, capítulos de livros, teses, dissertações e textos publicados em anais de eventos constituíram o campo material analisado para se mapear os efeitos das teorizações *queer* na produção nacional voltada, mas não restrita, ao campo da educacional. Foram selecionados cerca de vinte trabalhos publicados desde 2001, uma vez que o referido ano foi um marco na repercussão da teoria *queer* no Brasil, o que ocorreu através da publicação do artigo de Louro (2001) na *Revista Estudos Feministas*, amplamente difundido e discutido entre pesquisadorxs do campo de estudos de gênero e sexualidade (MISKOLCI, 2011; SOUZA; BENETTI, 2015).

As entradas de problematização que elaboramos nessa cartografia (tomando aqui os trabalhos como entradas, fios que nos conectam a uma rede de fruição epistemológica) serão apresentadas no item seguinte. Essas entradas focalizaram a análise de trabalhos disponibilizados na internet, uma vez que reconhecemos o quanto a rede mundial de computadores constitui-se hoje como o principal meio de se fornecer ampla visibilidade às pesquisas que vêm sendo produzidas em cada região do país.

3 O *QUEER* NO NORTE, E O *QUE(ER)* AO SUL DA LINHA DO EQUADOR? ACOMPANHANDO (ALGUNS) FLUXOS

As repercussões da teoria *queer* na produção acadêmica brasileira apontam para o engajamento político e ético cada vez maior de pesquisadorxs que buscam criar epistemologias decoloniais. A decolonização consiste na possibilidade de desprendimento do eurocentrismo, tanto de sua

lógica quanto de seu aparato, impulsionando-nos a pesquisar/vivenciar/experimentar outras “histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 422). Assim, colocar em prática o ato de descolonizar teorias implica nosso compromisso político-ético de (re) pensar o lugar social ocupado pelos países periféricos, denunciando o quanto as experiências culturais dissidentes são geralmente invisibilizadas e desqualificadas pelos colonizadores.

A partir das experiências dissidências de gênero e sexualidade que vêm sendo produzidas ao Sul da linha do Equador, reconhecemos a necessidade de fomentar discussões teóricas que, longe de serem meramente incorporadas do Norte global, possam ser desencadeadas a partir de epistemologias sintonizadas com nosso lugar de origem que, não raramente, é social e geograficamente reconhecido como o “cu do mundo” (PELÚCIO, 2014a, p. 78). Interessa-nos dialogar a partir de nossas vivências enquanto sujeitos latino-americanos – vivências marcadas pelo entrecruzamento de diversos marcadores sociais de identidade e diferença que nos constituem e nos impulsionam a (re) pensar nossas próprias experiências cotidianas como sendo periféricas, mas também insurgentes, desobedientes.

Movimentamo-nos através das epistemologias *queer* porque defendemos “um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade” (LOURO, 2013, p. 7-8). Pensar a partir das insurgências epistemológicas *queer*, articulando-as e recriando-as à luz do contexto sociocultural brasileiro, é um caminho para potencializar a produção de uma crítica voltada aos processos discursivos que conferem aos corpos, gêneros e sexualidades o selo de uma normalidade que é social e culturalmente construída. Segundo reforça Pocahy (2016, p. 12), os esforços dos “movimentos de dissidência de gênero e sexualidade vêm produzindo efeitos importantes e decisivos em termos de rupturas epistemológicas” na produção do conhecimento.

Buscamos planos de experimentação teóricos engendrados pelas epistemologias *queer* para (re) pensar “o sentido da pesquisa como (re) inventora dos problemas sobre nosso tempo, forçando a passagem de outras epistemologias de mundo (que não apenas as epistemologias científicas)” (POCAHY, 2016, p. 17). Com isso, parece-nos imprescindível o ato de estranhar discursos (LOURO, 2013), acompanhar movimentos que intentam profanar teorias, ressignificando a ideia de que nenhum texto é incontestável ou sagrado,

mas sempre tecido por meio de reflexões que buscam, de forma provisória, analisar interpretativamente determinados contextos e práticas sociais.

Entendemos o *queer* como uma abordagem discursivo-desconstrucionista interessada nos efeitos que o dispositivo da sexualidade e os ideais regulatórios de gênero e a racialização da cultura produzem nos modos de pensar ou produzir conhecimento sobre algo ou sobre nós mesmxs. Com isso, nosso trabalho vem cartografando os possíveis efeitos de teorizações *queer* na pesquisa nacional em educação, buscando identificar a complexa trama por onde essas teorizações enredam-se no contexto da produção acadêmica do campo de estudos de gênero e sexualidade (dissidentes).

Embora seja possível observar o crescente número de pesquisas brasileiras do campo das Ciências Humanas e Sociais que adotam as contribuições da teoria *queer* na promoção de reflexões em torno dos corpos, gêneros e sexualidades em diversos contextos socioculturais, não há como negar que é relativamente recente a chegada dessa teoria ao Brasil. No entanto, uma série de estudos inspirados pelas teorizações *queer*, abrangendo temas diversos e formas distintas de (re)interpretar a expressão *queer* no campo educacional brasileiro, vêm sendo publicados. Nesse campo, vale destacar os seguintes trabalhos:

Tabela 1: Fluxos cartográficos dos efeitos das teorizações *queer* na pesquisa nacional com/sobre gênero e sexualidade na educação

Desdobramentos do <i>queer</i>	Principais articulações teóricas	Referências
Educação rizomática	Proposta de uma educação discutida por Borba e Lima (2014) a partir das contribuições de Deleuze e da teoria <i>queer</i> .	BORBA, Rodrigo; LIMA, Fátima. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. <i>Revista Periódicus</i> , Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2014.
Embichamento do currículo	Expressão criada por Sussekind e Reis (2015), a partir dos estudos com os cotidianos, com a intenção de discutir questões curriculares em resposta à heteronormatividade. As pesquisas com os cotidianos buscam captar, no campo empírico, "seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos [...] para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que também fazem parte da vida cotidiana e de aprendizagem sobre o mundo." (OLIVEIRA, I., 2007, p. 122-123) ⁸ .	SUSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Franco da Silva. Currículos-como-experiências- vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. <i>Currículo Sem Fronteiras</i> , v. 15, n. 3, p. 614-625, set./dez. 2015.

<p>Currículo <i>queer</i></p>	<p>Para Louro, “Uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> se distinguiriam de programas multiculturais bem intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades.” (2001, p. 550, grifos dx autorx).</p> <p>Silva, J.; Silveira e Costa visam, “por meio de uma bricolagem teórica entre elementos da teoria <i>queer</i> e dos estudos curriculares de inspiração pós-crítica, problematizar a estrutura binária e normalizante do currículo, estranhando-o e desestabilizando os seus cânones normalizadores, subvertendo-o, para, assim, pensá-lo a partir de um perspectiva <i>queer</i>.” (2016, p. 147-148, grifos dxs autorxs).</p>	<p>LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <i>Revista Estudos Feministas</i>, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.</p> <p>SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. <i>Textura</i>, Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016.</p>
<p>Educação bicha</p>	<p>Proposta por Zamboni (2016, p. 7), a educação bicha se inspira na filosofia da diferença de Deleuze “para operar uma esquizoanálise da bicha, que é abordada como devir e como analisador que possibilita pensar diferentemente.”</p>	<p>ZAMBONI, Jésio. <i>Educação bicha: uma a(na[!])rqueologia da diversidade sexual</i>. 2016. 115f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.</p>

<p>Pedagogia <i>queer</i></p>	<p>Para Louro, “uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> ‘falam’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos <i>queer</i>. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência.” (2001, p. 552, grifos dx autorx).</p> <p>César justifica o motivo pelo qual defende a pedagogia <i>queer</i> ao argumentar: “Por que uma pedagogia <i>queer</i>? Para introduzir na pedagogia e na educação a dúvida e a incerteza em relação à norma disciplinar quanto aos saberes e aos corpos. Isto é, para dilacerar os limites do pensamento e pensar o impensável. Por que na escola? Porque na escola, em nome da racionalidade e da ciência, se produziu uma história de normalização, exclusão e violência em torno dos saberes, dos corpos e dos sujeitos.” (2012, p. 352, grifo dx autorx).</p> <p>Couto Junior, através dos trabalhos de Foucault e das contribuições de pesquisadorxs que investigam sob as epistemologias <i>queer</i>, defende “uma pedagogia <i>queer</i> preocupada em problematizar a forma como os gêneros, as sexualidades e os corpos são classificados por inúmeros atributos socialmente construídos que reforçam hierarquizações e, conseqüentemente, desqualificações.” (2016, p. 267, grifo dx autorx).</p>	<p>LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <i>Revista Estudos Feministas</i>, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.</p> <p>CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia <i>queer</i>. <i>Educação Temática Digital</i>, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012.</p> <p>SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria <i>queer</i> e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. <i>Textura</i>, Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016.</p> <p>COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria <i>queer</i> na educação: colocando em questão a heteronormatividade. <i>Atos de Pesquisa em Educação</i>, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 250-270, jan./abr. 2016.</p> <p>COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Em defesa de uma pedagogia <i>queer</i>: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. <i>Textura</i>, Canoas, v. 18, n. 38, p. 123-142, set./dez. 2016.</p>
<p>Via(da)gens <i>queer</i></p>	<p>Para PocaHy, “O que as via(da)gens <i>queer</i> nos apontam é que há mais certo nos caminhos pavimentados [...]. Talvez precisemos conceber outras práticas de conhecer, como práticas sensíveis aos territórios livres à experimentação e à produção de novos modos de vida, outros modos de entendimento e simpatia pelo mundo.” (2016, grifo dx autorx, p. 23). A viadagem busca, estrategicamente, ressignificar o termo injurioso (viado), transformando-o numa forma positiva de celebrar outras estéticas de (r)existência. As viadagens <i>queer</i> podem ser pensadas como as inúmeras possibilidades epistemológicas que emergem com os estudos <i>queer</i>.</p>	<p>POCAHY, Fernando. (Micro)políticas <i>queer</i>: dissidências em pesquisa. <i>Textura</i>, Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, set./dez. 2016.</p>

<p>Pesquisa-aquendação</p>	<p>De acordo com Pocahy, a pesquisa-aquendação defende “não apenas a necessidade de outros modos de conhecer [...], mas interpelando a pesquisa em outra disposição para dar corpo teórico às suas experimentações e fazendo uma dobra sobre o que pensamos que é conhecer, desaquecendo os fascismos epistemológicos e as tirarias normativas.” (2013, p. 231).</p> <p>Sobe o trabalho de Pocahy (2013), Uziel (2013) esclarece que o termo “aquendar” busca “ranger a Psicologia em ‘<i>Pesquisa-aquendação</i>’. <i>Derivas de uma epistemologia libertina</i>, fazendo-a debater pelo avesso do que ele chama de hetero ou homonormas. As preocupações epistemológica e metodológica fazem transbordar o texto que se inspira em Foucault e autores da teoria <i>Queer</i>.” (UZIEL, 2013, p. 12, grifos dx autorx).</p>	<p>UZIEL, Anna Paula. Prefácio. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, William Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Org.). <i>Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea</i>. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 7-13.</p> <p>POCAHY, Fernando. “Pesquisa-aquendação”: derivas de uma epistemologia libertina. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, William Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Org.). <i>Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea</i>. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 213-234.</p>
<p>Criança transviada</p>	<p>J. Silva e Paraíso (2017) buscam articular os estudos <i>queer</i>, o campo curricular e a educação de crianças pequenas. A partir do que Preciado (2013) denomina de crianças <i>queer</i>, xs autorxs formulam a noção de criança transviada, argumentando que “os infantis-<i>queers</i> são capazes de efetuar no currículo um ‘devir-criativo’ que permite a construção de novas formas de relação e um ‘devir-transviado’ que afeta e contagia todas as crianças. Nisso reside uma possibilidade de resistência importante, que consiste na recusa das formas impostas de subjetividade para meninos e meninas e na construção de outros modos de estar e viver as infâncias no currículo.” (SILVA, J.; PARAÍSO, 2017, p. 2, grifo dxs autorxs).</p>	<p>SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Canoas. <i>Anais... Canoas: ULBRA</i>, 2017, 13p.</p>

<p>Enviadescer</p>	<p>Inspirando-se no funk transviado de Linn da Quebrada, Colling, Sousa e Sena defendem que a prática do enviadescimento pode auxiliar no trabalho de pesquisa envolvendo a dimensão da interseccionalidade: "O que é enviadescer e qual a sua potência para pensar as interseccionalidades? Para tentar responder essas questões, inicialmente defenderemos que pessoas e coletivos sintonizadxs com as perspectivas queer têm trabalhado com mais ênfase a interseccionalidade em suas ações e políticas, pensadas aqui como um ativismo das dissidências sexuais e de gênero." (2017, p. 193). Somando-se a isso, elxs mostram o quanto o trabalho musical de "Linn da Quebrada [...] nos ensina como enviadescer para produzir interseccionalidades, ou melhor, nos provoca para pensar em como é necessário incluir o enviadescer nas estratégias que almejam as interseccionalidades." (COLLING; SOUSA; SENA, 2017, p. 193).</p>	<p>COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia (Org.). <i>Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes</i>. Lisboa: Maiadouro, 2017, p. 193-215.</p>
<p>Puta teoria</p>	<p>Duque (2014, p. 86) identifica a "Teoria Queer como uma puta teoria. O adjetivo 'puta' aqui é pensando a partir dos seus usos múltiplos, [...] com uma ideia nada ingênua de que identidade fixa e estável ainda faz todo o sentido para pensar militância e políticas públicas."</p>	<p>DUQUE, Tiago. Corpo, estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. <i>Revista Florestan</i>, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 67-89, nov. 2014.</p>
<p>Teoria cu</p>	<p>A teoria cu formulada por Pelúcio (2014a, 2014b, 2016) advém principalmente das reflexões teóricas de Paul Beatriz Preciado. Nas palavras de Pelúcio (2014b, p. 37-38), "É pelo cu que chego a pensar nos desafios epistemológicos do presente. Quer dizer, que quero pensar fora das dicotomias excludentes que ancoram em uma pretensa naturalidade do corpo e neutralidade dos órgãos 'verdades' que têm implicado em perpetuação de desigualdades. É por aí também que convido quem me lê a pensar. Um convite que funciona como forma de desestabilizar o lugar da cabeça como metonímia para a razão ocidental."</p>	<p>PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. <i>Revista Florestan</i>, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 26-45, nov. 2014a. PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? <i>Revista Periódicus</i>, Salvador, v. 1, n. 1 p. 68-91, 2014b. PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. <i>Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines</i>, Paris, n. 9, p. 123-136, printemps 2016.</p>

<p>Estudos transviados</p>	<p>Expressão proposta por Bento (2009, 2014) como alternativa à nomeação estudos <i>queer</i>. Esses estudos são principalmente alimentados pela necessidade de se questionar o processo de patologização das identidades trans. Segundo x autorx, "Nos estudos transviados os discursos médicos passam a ser analisados como engrenagens discursivas que limitam a existência da diversidade dos desejos, dos gêneros, das sexualidades ao âmbito das estruturas fixas corpóreas. E assim se estabelece uma disputa epistemológica onde o corpo passa a ser um significante com múltiplos significados, uma estrutura estruturante em permanente processo de transformação." (BENTO, 2014, p. 49).</p>	<p>BENTO, Berenice. Apresentação. In: PELÚCIO, Larissa. <i>Abjeção e Desejo</i> – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009, p. 17-23.</p> <p>BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. <i>Revista Florestan</i>, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014.</p>
----------------------------	---	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ainda que algumas das nomeações acima não tenham sido produzidas dentro do campo de estudos educacionais, como é o caso dos *estudos transviados* (BENTO, 2009, 2014) e da *teoria cu* (PELÚCIO, 2014a, 2014b, 2016), essas nomeações vêm “respingando” nas pesquisas em educação através dos trabalhos de diversxs pesquisadorxs (COUTO JUNIOR, 2016; SILVA, J.; PARAÍSO, 2017, para citar alguns). Dito isso, não há como negar que a articulação entre os efeitos das ressonâncias *queer* e a pesquisa nacional em educação vem possibilitando o enriquecimento do campo de estudos de gênero e sexualidade. O olhar plural da pesquisa em educação envolvendo os diversos marcadores sociais de identidade e diferença oferece possibilidades teórico-metodológicas que não partem dos mesmos pressupostos, mas apresentam algumas intenções similaridades, como a produção de inúmeras análises discursivo-desconstrucionistas (POCAHY, 2016) que buscam questionar os regimes de verdade responsáveis pelo funcionamento e manutenção da supremacia do sistema hetero[CIS]centrado.

4 OS MUITOS NOMES DO *QUEER* OU NOSSAS (DES)ARRUMAÇÕES CONCEITUAIS NA PESQUISA SOBRE DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Os traços iniciais de nossa cartografia evidenciam o interessante processo criativo e irreverente utilizado pelxs pesquisadorxs brasileiroxs que destacam a necessidade de se (re)pensar sobre as repercussões das epistemologias *queer* no contexto educacional brasileiro. Os muitos nomes possíveis do *queer* (re)contam histórias que produzem visões sobre temporalidades específicas, o que nos convida a reconhecê-lo “como código aberto, híbrido para ser usado” (OLIVEIRA, J., 2017, p. 1). Diferentes (re)combinações, (dis)torções e (re)apropriações teóricas buscam, de certa forma, expor os limites de uma teoria formulada no Norte global e, ao mesmo tempo, encontram alternativas e estratégias epistemológicas que possibilitem (re)pensar o *queer* ao Sul da linha do Equador. Conceitos e teorias, quando viajam, interagem com outros espaços culturais e linguísticos “marcados por relações de poder não idênticas àquelas de onde vieram” (LOURO, 2013, p. 63-64). Com isso, não podemos negligenciar que a teoria *queer* vem se constituindo “como campo de saber permeado por diversas apropriações, conflitos, dissensos e [...] como solo fértil para a criatividade” (PADILHA; FACIOLI, 2015, p. 143); criatividade essa alimentada pela necessidade de se criar epistemologias interseccionais que possam servir de importante arsenal teórico-metodológico nas investigações realizadas ao Sul da linha do Equador.

Diante dos regimes de verdade que, historicamente, vêm sendo produzidos pela pedagogia em torno dos corpos, gêneros e sexualidades (FOUCAULT, 2014), interessa-nos pensar, no campo da educação, os efeitos engendrados pelas epistemologias *queer*, porque “as insubordinações *queer*, assim como os (trans)feminismos interseccionais e pós-modernos, desarrumam e desfazem as certezas ordinárias – denunciando os desejos de norma e aqueles movimentos mais apegados a formas de dominação” (POCAHY 2016, p. 10, grifo dx autorx). Pensar os possíveis efeitos das teorizações *queer* na pesquisa nacional com/sobre gênero e sexualidade na educação é pensar em outras possibilidades epistemológicas que possam ser potentes na denúncia contra os regimes de verdade. Com isso, nosso trabalho vem acompanhando cartografias que apontam para alargamentos discursivos sobre corpos-subjetivações (im) possíveis, reconhecendo e legitimando, para além da perspectiva binária, a forma com a qual corpos, gêneros e sexualidades são ficcionados na cultura, materializando-se discursivamente em vidas de carne e osso; vidas que buscam sentidos, desejos, vontades, alegrias...

Artigo recebido em: 23/08/2017

Aprovado para publicação em: 23/03/2018

EPISTEMOLOGICAL DISSIDENCES IN BRAZIL: CARTOGRAPHY OF QUEER THEORIZATIONS IN EDUCATIONAL RESEARCH

ABSTRACT: The aim of this paper is to map the uses and impacts of the epistemological effects of queer contributions in the educational knowledge production in Brazil. To do this, we seek to outline a (provisional) plan that might indicate part of the complex plot through which these epistemological experiments, self-proclaimed and/or interpellated as dissidents, become entangled in the context of gender and sexuality academic studies. Therefore, we are interested in promoting mappable interlocutions from our experiences as Latin American subjects – experiences marked by the intersection of several social markers of identity and difference which constitute and impel us to (re)think our everyday perceptions.

KEYWORDS: Gender. Sexuality. Queer epistemologies. Education.

DISIDENCIAS EPISTEMOLÓGICAS A LA BRASILEÑA: UNA CARTOGRAFÍA DE LAS TEORIZACIONES *QUEER* EN LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN

RESUMEN: La propuesta de este trabajo es mapear los usos e impactos de los efectos epistemológicos de las contribuciones *queer* en la producción de conocimiento en educación en Brasil. Para eso, buscamos trazar un plan (provisorio) que pueda indicar algo de la compleja trama por donde tales experimentaciones epistemológicas se enredan en el contexto de la producción académica del campo de los estudios de género y sexualidad, autoproclamadas e/o interpeladas disidentes. Con eso, nos interesa aquí suscitar interlocuciones cartográficas a partir de nuestras experiencias como sujetos latinoamericanos – experiencias marcadas por el entrecruce de diversos marcadores sociales de identidad y diferencia que nos constituyen y nos impulsan a (re)pensar nuestras experiencias cotidianas.

PALABRAS CLAVE: Género. Sexualidad. Epistemologías *queer*. Educación.

NOTAS

1 hooks, 2013, p. 85.

2 Epistemologia refere-se ao conjunto de teorias que fornece a base conceitual (VEIGA-NETO, 2003).

3 O [cis] foi acrescentado à expressão “heterocentrado”, cunhada por Preciado (2014). Cabe frisar que o uso do CIS refere-se à palavra cisgênero, utilizada para designar pessoas que se identificam com os gêneros que lhes foram atribuídos no nascimento.

4 Empregamos estrategicamente o uso do “x” neste trabalho com a intenção de não enquadrar grupos de sujeitos em um determinado gênero. Caso esse recurso linguístico não fosse adotado, poderíamos cair na armadilha de reforçar o binarismo mulher/homem, responsável por circunscrever corpos, gêneros e sexualidades na cultura do regime hetero[CIS]centrado.

5 Seguimos amparados pelo pensamento de Miskolci (2014, p. 53), que, propositalmente, adota o uso de letras minúsculas na escrita do termo *aids* “como recusa política de transformar a designação de uma doença, portanto um substantivo, em uma sigla cuja redação em maiúsculas colaborou para criar um pânico sexual”.

6 A pesquisa de pós-doutorado, intitulada “Queer no Norte, e o que(er) ao sul da linha do Equador? Panorama da produção científica brasileira (2001-2016) sobre os desdobramentos da teoria *queer* no campo educacional”, é financiada pelo CNPq. O projeto, desenvolvido mediante supervisão de professorx Fernando Altair Pocahy, está articulado ao Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ).

7 Sigla da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

8 Para maiores informações sobre os estudos com os cotidianos, ver Alves (2001) e I. B. Oliveira (2013).

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-37.

BENTO, B. O que pode uma teoria? estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014.

_____. Apresentação. In: PELÚCIO, L. *Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009, p. 17-23.

BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015.

BORBA, R.; LIMA, F. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2014.

BRYSON, M.; CASTELL, S. de. Queer pedagogy: praxis makes im/perfect. *Canadian Journal of Education*, Canadá, v. 18, n. 3, p. 285-305, 1993.

BUTLER, J. Alianças queer e política anti-guerra. *Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades*, Natal, v. 11, n. 16, p. 29-49, 2017.

_____. Critically queer. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, Durham, v. 1, n. 1, p. 17-32, nov. 1993.

CAMARGO, W. X. Sexualidades, esportes e Teoria Queer: inter-relações. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1130-1133, set./dez. 2008.

CÉSAR, M. R. A. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012.

COELHO, S. Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pre-textos. *Ex aequo*, Lisboa, n. 20, p. 29-40, 2009.

COLLING, L.; SOUSA, A. N.; SENA, F. S. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, J. M.; AMÂNCIO, L. (Org.). *Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes*. Lisboa: Maiadouro, 2017. p. 193-215.

COUTO JUNIOR, D. R. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 250-270, jan./abr. 2016.

COUTO JUNIOR, D. R.; OSWALD, M. L. M. B. Em defesa de uma pedagogia queer: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 123-142, set./dez. 2016.

COUTO JUNIOR, D. R.; OSWALD, M. L. M. B.; POCAHY, F. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL INFÂNCIAS E JUVENTUDES NA CIDADE: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO, 1, 2017, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES: 2017.

DUQUE, T. Corpo, estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 67-89, nov. 2014.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Theresza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

hooks, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LEWIS, E. S.; BORBA, Rodrigo; FABRÍCIO, Branca Falabella; PINTO, Diana de Souza. Introdução: Cu-irizando desde o Sul. In: LEWIS, E. S.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B. F.; PINTO, D. S. (Org.). *Queering Paradigms IVa: insurgências queer ao Sul do equador*. Oxford: Peter Lang, 2017, v. 1, p. 1-12.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LUGARINHO, M. C. Antropofagia crítica: para uma teoria queer em português. *Revista Olhar*, São Carlos, ano 12, n. 22, p. 106-112, jan./jul. 2010.

MISKOLCI, R. Um saber insurgente ao sul do Equador. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 43-67, maio/out. 2014.

_____. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, L. A.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (Org.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-68.

_____. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, I. B. Currículo e processos de aprendizagemensino: políticaspráticas educacionais cotidianas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

_____. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: SCHWARTZ, C. M... [et al.] (Org.). *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: EDUFES, 2007, p. 107-127.

OLIVEIRA, J. M. Genealogias excêntricas: os mil nomes do queer (apresentação do dossiê). *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 6, p. 1-6, nov./abr. 2017.

PADILHA, F.; FACIOLI, L. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador (entrevista com Berenice Bento). *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 143-155, jan./jun. 2015.

PELÚCIO, L. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 26-45, nov. 2014a.

_____. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Revista Periódicus*, Salvado, v. 1, n. 1 p. 68-91, 2014b.

_____. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. *Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines*, Paris, n. 9, p. 123-136, printemps, 2016.

PEREIRA, P. P. G. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, jul./dez. 2015.

_____. A teoria queer e a reinvenção do corpo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 469-477, jul./dez. 2006.

PERES, W. S.; POCAHY, F.; CARNEIRO, N. S.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos: quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 106-153, 2014.

POCAHY, F. (Micro)políticas queer: dissidências em pesquisa. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, set./dez. 2016.

_____. “Pesquisa-aquendação”: derivas de uma epistemologia libertina. In: TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S.; RONDINI, C. A.; SOUZA, L. L. (Org.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 213-234.

_____. Notas sobre homofobia/heterossexismo. In: PASINI, E. (Org.). *Educando para a diversidade*. Porto Alegre: Nuances, 2007, p. 13-16.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

_____. Quem defende a criança queer? *Jangada*, Viçosa, n. 1, p. 96-99, jan./jun. 2013.

ROLNIK, S. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*. São Paulo: Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em: 13 jun 2017.

SEIDMAN, S. Queer pedagogy/queer-ing sociology. *Critical Sociology*, v. 20, n. 3, p. 169-176, out. 1994.

SILVA, J. P. L.; PARAÍSO, M. A. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Canoas. *Anais...* Canoas: ULBRA, 2017, 13p.

SILVA, J. P. L.; SILVEIRA, E. L.; COSTA, L. C. S. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016.

SOUZA, F. F.; BENETTI, F. J. Historiografando a abjeção: uma arqueografia dos Estudos queer no Brasil (1990-2000). *Contemporâneos: revista de Artes e Humanidades*, n. 12, p. 1-13, nov./abr. 2015.

SUSSEKIND, M. L.; REIS, G. F. S. Currículos-como-experiências- vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 15, n. 3, p. 614-625, set./dez. 2015.

TRUJILLO, G. Pensar desde otro lugar, pensar lo impensable: hacia una pedagogía queer. *Educación e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1527-1540, dez. 2015.

UZIEL, A. P. Prefácio. In: TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S.; RONDINI, C. A.; SOUZA, L. L. (Org.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 7-13.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 5-15, 2003.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, Minas Gerais, v. 23, n. 3, p. 454-463, set./dez. 2011.

ZAMBONI, J. *Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual*. 2016. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.

DILTON RIBEIRO COUTO JUNIOR: Pós-doutorandx no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), com bolsa CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC) e do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni).

E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

FERNANDO ALTAIR POCAHY: Professorx da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Líder do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni).

E-mail: pocahy@uol.com.br
